

## A ANGÚSTIA NA TEORIA E NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Tania Coelho dos Santos

Publicado em Revista do Tempo Psicanalítico número 27, Ed. SPID, RJ., pags. 45-59, 1994

### *Para Catarina e sua paixão pela magia das palavras.*

Retornaremos a tese de que a angústia automática (*Automatischeangst*) é a legítima representante da pulsão de morte na vida psíquica<sup>1</sup> – construída e justificada a partir da discussão dos textos freudianos que, direta ou indiretamente, abordavam esse tema metapsicológico. Nosso propósito será o de retificar e precisar essa afirmação à luz da leitura lacaniana da angústia<sup>2</sup>. Esse objetivo não se origina em nenhum exercício vazio de rigor ou de preciosismo acadêmico sim no valor que o recorte dessa problemática tem para a clínica psicanalítica.

Ao final da obra freudiana<sup>3</sup> encontramos sob a oposição angústia automática/angústia sinal (*Angstbereitschaft*)<sup>4</sup>, um outro campo opositivo: o das experiências traumáticas pré-edípicas e o da perda edípiana. Por meio dessa oposição instala-se um aparente paradoxo teórico: a angústia deriva diretamente da libido e do *id* conforme o modelo das neuroses atuais, ao mesmo tempo em que a angústia é um afeto sinal do temor do ego da castração e induz ao recalque. Essa dupla matriz explicativa justifica-se em razão da necessidade de tratar o processo de simbolização como comportando dois tempos, o recalque originário e o recalque propriamente dito e não menos a especificidade da temporalidade que articula esses dois tempos, retroativamente (a *Nachtraglichkeit*). As angústias primordiais ligadas às perdas primárias, inacessíveis enquanto tais, coordenar-se-iam sob a hegemonia da angústia edípica propriamente dita que é angústia de castração, “só depois”. Essa questão é fundamental do ponto de vista de uma teoria das pulsões, uma vez que o recalque é um mecanismo psíquico que depende da organização genital da libido, logo da referência ao falo enquanto suporte simbólico da imagem unificada do corpo. Inaugura-se nessa antecipação simbólica precipitada na identificação imaginária a clivagem com relação às identificações primordiais – ligadas à parcialidade das pulsões – e excluídas em razão da discordância que introduzem com relação à ilusão de especular. Assim sendo, o destino das pulsões auto-eróticas bem como tudo que se refere à perda dos objetos parciais, tudo que é da ordem do “hostil” (menos no sentido de odiado e muito mais no sentido do estranho e inquietante), desse outro que o sujeito é enquanto inconsciente tem relação diretamente com a segunda tópica, por meio da qual Freud dá testemunho da insistência do inconsciente, de sua irredutibilidade ao que é recalcado e do fracasso da vocação terapêutica da psicanálise diante do gozo e do trauma configurado pela introdução da idéia de uma pulsão de morte manifesta como compulsão à repetição.

Em função dessa problemática parece a Freud necessário postular que a angústia ligada às experiências mais primordiais de perda é recriada automaticamente e não apenas emitida como um sinal de afeto do ego. O ego, na reprodução automática da experiência traumática é submergido (*Überwältigung*) ao excesso libidinal<sup>5</sup>. O laço entre o recalque originário e o recalque propriamente dito explicita-se assim por meio da dupla face da angústia que é reprodução automática, traumática, compulsão disruptiva à repetição própria

à pulsão de morte e não menos um sinal do ego que convoca o recalque e o retorno à ordem pelo compromisso sintomático, em sintonia com as pulsões de vida.

Esse aspecto dúplice da angústia – ela é um sinal, no sentido de uma efração no ego e também um sinal emitido pelo ego – foi desenvolvido nesses termos por Lacan em sua retomada da problemática da angústia no seminário sobre esse tema. Como veremos, essa oposição ultrapassa a oposição entre aqueles que não supõem que a pulsão seja em si fonte de perigo, somente os objetos diante dos quais (*angst vor etwas*) ela é desencadeada o seriam, e aqueles que acreditam que a angústia é sem objeto (*objektloss angst*) e automaticamente desencadeada pelas exigências pulsionais. A angústia entre o gozo e o desejo é uma formulação lacaniana ancorada na afirmação de que a angústia, o desejo e a lei têm o mesmo objeto, o objeto *a*.

Essa perspectiva implica em pensar a problemática da compulsão a partir do enlace das pulsões de morte com as pulsões de vida pela via da relação a esse objeto. É desse lugar que Lacan questiona a afirmação freudiana de que o complexo de castração é o rochedo diante do qual o esforço analítico encontra seu limite<sup>6</sup>. A compulsão à repetição, que no texto freudiano esboça o limite do analisável, qual seja, o aspecto quantitativo ou econômico da pulsão, com Lacan designa um desafio ao desejo do analista. Porque Freud designa a angústia de castração como o limite da análise, então, segundo Lacan, deixará ao seu analisando o lugar do resto, deste objeto *a*. Esse horizonte sombrio aí delineado por Freud sob o tema da reação terapêutica negativa, da inacessibilidade narcísica do paciente, da neurose traumática ou de destino, que encontra afinal no excesso quantitativo sua justificação, teria dado ensejo, ao longo do movimento psicanalítico, à ênfase na tese de que a angústia é sem objeto (*objektloss*) com a consequência de estimular a crença de que o esforço analítico está fadado a esboroar-se diante do rochedo do excesso pulsional ligado à origem traumática (entendida como sem objeto) da sexualidade. Enfatizando a relação da angústia a um objeto, trata-se para Lacan de “*não deixar pra lá*” (*laisser tomber*) o analisando, a exemplo do que sucedeu a Freud na análise de Dora e da jovem homossexual. Pois o neurótico, como se sabe pela experiência, não recua diante da castração e sim diante de fazer da sua castração aquilo que falta ao Outro. Essa seria a importância estratégica, na direção da cura analítica, da redução do rochedo da castração àquilo contra o que ele se constitui, os objetos parciais. A angústia não é sem objeto e sim é angústia diante do aparecimento no campo imaginário deste “objeto *a*” estruturalmente impróprio à imaginarização. Esse seria, ainda de acordo com Lacan, o verdadeiro sentido da “*perda do objeto*” de que fala Freud, sua redução a um objeto imaginário.

Referindo a angústia à função do corte significante, Lacan vai enfatizar a ligação necessária a um objeto de gozo perdido, um objeto *a*, resto auto-erótico do corpo coordenado ao *x* do desejo enigmático do Outro. A angústia é a única tradução subjetiva do objeto *a*. Esses objetos, os objetos *a*, correspondem as cinco<sup>7</sup> formas de perda anteriores ao advento da castração do complexo. Objetos anteriores à constituição dos objetos trocáveis – os objetos socializados – quais sejam, os objetos coordenados pela hegemonia da função fálica (a organização genital de que fala Freud) que determina substituições e preferências. A castração do complexo não faz eunucos, o sujeito nesta ordem pode reduzir-se à condição de portador do *phallus* uma vez que isso não lhe pode ser cortado. Os objetos *a* são o resto do corte significante, resto da divisão do sujeito no campo do Outro, e é como resto execrado, odiado do Outro que são sempre reencontrados<sup>8</sup>. Pois isso, esse resto do Outro a que o sujeito se identifica, não é passível de ser proposto ao reconhecimento do eu. O gozo (no sentido da *Verlust*) encrava-se, portanto, no sintoma, porque o exercício da

função do prazer, neste nível, é antinômico com a descarga, confinando portanto com surgimento da dor (*Unlust*). O problema econômico do masoquismo também encontra aí, na identificação do sujeito aos objetos parciais, seu fundamento. São exemplares, a identificação do sujeito ao objeto oral que se manifesta pelo desejo de nada (de um resto da demanda de ser alimentado) e não menos pela identificação ao objeto anal que está na origem dos acidentes pelos quais o sujeito se “deixa cair” como um resto do cena historicizada.

A angústia, o desejo e a lei têm o mesmo objeto, objeto cortado do campo da demanda na via de constituição do objeto do desejo. A angústia é o modo essencial de comunicação do sujeito com o Outro, é o que lhes é comum. Se a angústia tem uma face traumática, então ela é sinal para o analista de emergência no campo psíquico desse objeto irrecalcável. A angústia não é sem objeto (*objektloss*) na medida em que o eu pode reduzir-se a um desses objetos afetados de desejo, despojando-se daquilo que sustenta sua condição de eu ideal que é a referência ao *phallus*<sup>9</sup>. Lacan faz dessa assunção seu desafio à direção da cura analítica, convocando a escuta do analista diante desse algo. A tese central do seminário da angústia de Jacques Lacan surge-se, portanto, contra as afirmações freudianas, em “Análise terminável e interminável”, de que toda angústia reduz-se ao complexo de castração e assume as formas típicas da masculina ameaça de castração bem como da feminina *penisneid*. No percurso desse seminário, a relação da angústia com a emergência, no campo especular do eu, desses objetos impróprios à egoificação será apontada em diferentes quadrantes da experiência analítica de modo a indicar o endereçamento privilegiado da angústia ao desejo do Outro, o desejo do analista. Vamos passar a desdobrar os sentidos dessa colocação.

O estatuto do objeto da angústia entre as teses freudianas de que ela “é sem objeto” (*objektloss*) ou que ela é angústia “diante de algo” (*vor etwas*), é uma questão convocada a partir de um referencial preciso: seu surgimento na clínica e sua relação com o ato do analista. A angústia de que fala Lacan não é aquela de que falam os filósofos do existencialismo (nomeadamente Heidegger, Kierkegaard e Sartre) e muito menos aquela de que falam os apólogos de uma sistematização da teoria psicanalítica como Rappaport. Seu questionamento incide sobre a redução da questão do objeto ao significante fálico, apontando a existência deste outro objeto, o objeto *a*, objeto parcial. Seu projeto é ultrapassar o rochedo da castração, apontando o objeto que, situado mais além do falo, é a causa que sustenta sua entrada em função. Nomeando o objeto da angústia, objeto *a*, trata-se de reformular o estatuto do objeto na teoria e na clínica da psicanálise revendo o manejo da transferência na direção da cura analítica bem como a questão do término e da finalidade da experiência analítica, contra aqueles que ao longo da história do movimento psicanalítico apoiaram a cura na referência à identificação aos ideais<sup>10</sup>.

O ponto de vista lacaniano toma a questão da angústia no campo da relação transferencial ou, dito de outro modo, no eixo das relações do sujeito da demanda analítica (o analisando e seu pedido) ao desejo do Outro, ou o desejo do analista que é seu interpretativo. Para introduzi-la partiu da ênfase sobre a primeira definição freudiana da angústia como um AFFEKT. A angústia pode ser tomada então no plano de um representante afetivo da pulsão. A angústia não é, como se poderia então supor, um algo dado na imediatez de uma apreensão fenomenológica nem num sujeito na sua forma protopática ou bruta, como querem fazer crer seja uma apreensão pela via da filosofia, seja pela via da psicologia. O *affekt* é o que não é jamais recalcado, é o que vai à deriva, deslocado, louco, invertido, metabolizado, mas não recalcado. Somente os significantes que

o amarram podem ser recalcados. A angústia é, então, o efeito do corte significativo ou do corte interpretativo do analista e se refere à queda de um objeto, que é um resto da articulação do sujeito ao significante. Situada entre o gozo (identificação) e o desejo (castração), é por meio dela que o sujeito na experiência analítica tem seu ponto de origem. Na angústia se tem a apavorante certeza, pois é da angústia que o sujeito retira a certeza que sustenta seu ato.

A metapsicologia da angústia proposta por Lacan complexifica e modula sua apreensão conceitual concebendo-a como a resultante de dois eixos ou de dois campos de força: o do movimento e o da dificuldade. Nossas sugestões poderão, então, ser confrontadas com o gráfico proposto por Lacan e que reproduzimos conforme se segue:

|                           |             |             |                 |
|---------------------------|-------------|-------------|-----------------|
| M / D i f i c u l d a d e | _____       |             |                 |
| O                         |             |             |                 |
| V                         |             |             |                 |
| I                         | Inibição    | Impedimento | Embaraço        |
| M                         | Emoção      | Sintoma     | Passagem ao ato |
| E                         | Esmagamento | Acting Out  | Angústia        |
| N                         |             |             |                 |
| T                         |             |             |                 |
| O                         |             |             |                 |

O conceito de angústia desdobra-se numa multiplicidade de nuances que, segundo propomos, devem ser apreendidas a partir da implicação necessária entre desejo e lei, e não menos da implicação transferência/resistência. Transferência simbólica na referência à censura e portanto à impossibilidade de que o *affekt* seja recalcado. Transferência imaginária e seu correlato, a resistência, que é a resistência do analista. Assim, se a angústia se produz a partir do corte, no ponto simetricamente inverso àquele em que ela se situa, vemos figurar a inibição que designa justamente o empate dessas mesmas forças. No ponto de passagem entre inibição e angústia vemos figurar o sintoma. Este último revela de uma particular dificuldade, um impedimento, configurado pelo fato do sujeito ser apanhado numa armadilha narcísica, qual seja, o confrontar-se com o limite preciso quanto ao que, do gozo profundamente enraizado no corpo estruturado pelo significante, poderá ser investido no objeto do desejo no eixo imaginário da transferência. Aponta-se aí, justamente, nesse resíduo de gozo (um objeto *a*), o material para a articulação significativa ou a transferência simbólica. Essa última situa-se no ponto de dificuldade máxima esperada ou embaraço, configurando-se aí o sujeito barrado, ou sujeito atropelado pelo excesso de significantes, “forma leve de angústia”, a angústia de castração.

Essa forma de angústia contrasta vivamente com a emoção (que é da ordem, etimologicamente falando, da sublevação ou da revolta) e que diz respeito à redução do desejo do Outro à proibição. A angústia no eixo imaginário produz-se quando o analista coloca o paciente no lugar do objeto do seu desejo. A angústia é aí diante de um objeto *a*, do aparecimento desse objeto no campo imaginário que afinal lhe é impróprio. Segue-se a ela, via de regra, o *acting-out* que é uma demonstração ironicamente apelidada de transferência selvagem por Lacan e cujo propósito é recolocar o desejo do analista na referência correta ao objeto do seu desejo, o objeto inconsciente.

Ao lugar da angústia no eixo imaginário e simbólico da transferência cabe acrescentar a angústia face o amor real de transferência<sup>11</sup>. Nessa vertente, a angústia tem o caráter

extremado de um esmagamento (“*émoi*”, que etimologicamente é derrota, fracasso, destruição) pelo gozo do Outro. A angústia, nesse ponto, é perturbar-se profundamente na dimensão do movimento. É da ordem de uma destituição subjetiva ou de um ultrapassamento do sujeito, pois implica na perda máxima de potência pelo confinamento do sujeito no campo do Outro. Trata-se de um “não poder” que se configura como uma impossibilidade, e não como uma proibição. O sujeito confronta-se aí com a falta de um significante capaz de representar o desejo do Outro. O correlato dessa experiência angustiante é a passagem ao ato, mecanismo pelo qual o sujeito identifica-se com o objeto do seu desejo (um objeto *a*), destitui-se radicalmente da sua condição de sujeito (dada pela estrutura do fantasma que suporta a castração) que é afinal de contas a própria interrogação sobre o objeto do seu desejo: o que é que eu quero?/o que é que o Outro quer de mim? A passagem ao ato evoca o limite da experiência analítica, o final da análise, bem como sua finalidade que é produzir um analista<sup>12</sup>. Identificando-se com a função de “*a*” e não com o ego do analista, o analisando destitui o analista da função de “sujeito suposto saber”, o que equivale à sua própria destituição subjetiva. Assumir radicalmente sua castração, sua divisão e a impossibilidade de um saber sobre o que o causa, eis como Lacan concebe o final de uma análise.

É na relação do esmagamento – enquanto se trata da falta de um significante no campo do Outro – com a passagem ao ato – enquanto identificação do sujeito com o objeto do seu desejo – que vamos situar, redimensionando-o, nosso ponto de partida: a angústia automática é a legítima representante da pulsão de morte na teoria e na clínica da psicanálise. A pulsão é pulsão de morte em consequência de sua articulação com o objeto perdido, o objeto do desejo do Outro – objeto desde sempre perdido em razão do desamparo originário, que é a dependência da linguagem ou a falta de uma organização instintiva capaz de ancorar o homem na relação com um objeto que não seja determinado simbolicamente. Isso deve nos servir de advertência, pois se a angústia não é sem objeto, isso não quer dizer que esse objeto seja acessível pela mesma via que os outros. A angústia enfatiza a relação com a falta introduzida no real pelo significante, pois se qualquer coisa do real vem ao saber, há um pedaço do corpo/do gozo perdido.

As diferentes formas de angústia que Lacan precisou dão conta dos diferentes modos pelos quais os sujeitos da experiência analítica podem confrontar-se com esse objeto causa do desejo, esse objeto causa estruturante de toda representação psíquica enquanto necessariamente simbólica e portanto radicalmente dependente da sustentação dessa falta. Objeto cuja relação com a angústia se traduz por meio de um paradoxo, pois, “*se a falta vem a faltar então é a angústia que comparece*”. Indicando que é preciso considerar que a condição primordial e não ultrapassável do sujeito de desejo é sua angústia, sua divisão, sua castração, sinal da sua relação com a falta, com o desejo do Outro. Toda tentativa de reduzi-la, toda ênfase terapêutica no desejo enquanto fálico, vem produzi-la enquanto sinal da “*perda do objeto*” e arrisca constranger o sujeito e resgata-lo por meio da identificação ao objeto *a*, precisamente pela identificação ao resto e não como sujeito de desejo.

Dada a privação real de um objeto simbólico, a direção da cura analítica com Lacan impõe a retomada do que ele próprio nomeou como o impasse freudiano: o complexo de castração. A retomada do enigma da feminilidade na direção da cura analítica é o que se oferece como mais além do complexo de castração. A substância mesma dessa rocha, desse rochedo da castração a transpor, é o confronto com o objeto impossível, objeto *a*, um significante puro, o *affekt*.

Acossar a demanda histérica que é demanda do falo, demanda de tudo – até o ponto em que o desejo feminino se impõe como demanda de zero – desejo de nada – eis o que Lacan nos sugere como a via da cura psicanalítica. Eis por que a histeria se mostra simultaneamente a neurose mais avançada e a mais primitiva, posto que, em se resolvendo a questão fálica resolve-se a relação aos chamados objetos da relação oral. Direção paranóica da cura pois que acossa o ego pelo aprofundamento da neurose traumática, neurose que se confunde com o que é o destino mesmo do sujeito. À onipotência do significante fálico e às angústias que a ele se associam respectivamente a ameaça de castração e a inveja do pênis, Lacan vem opor a angústia no limite da destituição subjetiva que é o desejo de nada, desejo feminino por excelência, desejo de um objeto *a*, significante puro da indiferenciação do sujeito no campo do Outro.

O desejo feminino se impõe no percurso de uma análise como desejo de nada, onde assume sua função de contraste com o desejo no registro fálico que é desejo de tudo. Seu endereçamento é propriamente falando o do objeto do “desejo do analista”. O desejo nomeado feminino por Lacan é o cerne da reação terapêutica negativa, pois vem situar-se por meio de sua relação com o desejo do analista como reação analítica positiva. Por meio dele podemos nos permitir recolocar inteiramente a problemática da pulsão de morte e da compulsão à repetição freudianas. O desejo feminino em Lacan, retoma a idéia da pulsão de morte freudiana permitindo designar o objeto dessa pulsão noutros termos que aqueles de um “*obsкуро retorno ao inanimado*” quais sejam, o laço da pulsão com esse objeto, o objeto do desejo do Outro, o objeto do inconsciente, seu umbigo. O desejo de nada é assim desejo de um objeto impossível, reduzindo-se ao fim da experiência analítica à sua expressão mais simples, a de ser puro significante, o “*desejo do desejo do Outro*”.

A relação da angústia com o que é inconsciente, com o Outro enquanto inconsciência, é o que demonstra a dependência do desejo daquilo que falta ao Outro, do que “ele não sabe”. O final da análise configura-se por meio de sua finalidade que é restituir ao sujeito sua origem. Trata-se de, no manejo da transferência, “não deixar cair” aquilo que constitui o sujeito, sua divisão originária, sua relação com esse objeto, para “não deixa-lo cair” como um resto do saber da psicanálise. O objeto *a* configura-se assim como um efeito do discurso psicanalítico, e sua mais correta aceção parece ser concebê-lo como o objeto do desejo do analista.

## RESUMO

Trata-se de uma revisão da problemática freudiana da oposição entre angústia automática e sinal à luz de uma aproximação com a segunda teoria pulsional, ressaltando o laço da angústia automática com a pulsão de morte, com as identificações primárias, e com a perda ao nível dos objetos parciais. Com base no Seminário X, “*L’Angoisse*”, de Jacques Lacan, procuramos precisar e ampliar o valor das aproximações que propusemos no texto freudiano pela inclusão de uma discussão da problemática dos objetos parciais e seu valor na clarificação do mecanismo da angústia, bem como sua consideração na direção da cura psicanalítica.

## RESUMÉ

Il s’agit dans ce travail d’une révision de l’opposition freudienne entre deux types d’angoisse: l’angoisse automatique et la signal, em lês rapprochant de la deuxième théorie

pulsionnelle. On essaye d'établir le lien entre l'angoisse automatique et la pulsion de mort, les identifications primaires et aussi les pertes aux niveaux des objets partiels. Basées sur le Séminaire X, « L'Angoisse », de Jacques Lacan, on cherche à aboutir à une conceptualisation plus précise et aussi plus élargie de ce qu'on a proposé à partir du texte freudien. Par la voie de l'inclusion d'une discussion des objets partiels et de sa valeur à propos du mécanisme de l'angoisse on arrive à une élaboration sur les implications de cette problématique dans la direction de la cure psychanalytique.

#### ABSTRACT

This paper is a revision of the Freudian questioning about the opposition between the automatic anxiety and the signal. Drawing from the second theory of pulsion, we show the links among the automatic anxiety, the death pulsion, the primary identifications, and the loss at the level of the partial objects. Based on the Seminar X, "L'Angoisse", by Jacques Lacan, we qualify and amplify the value of the approximations proposed for the Freudian text. This is done by means of discussing the issue of the partial objects and their value in clarifying the anxiety mechanism, as well as its consideration in the direction of the psychoanalytic treatment.

## Notas e Referências Bibliográficas

- 1- Tese amplamente exposta e justificada em trabalho anterior publicado no volume 25 do “Tempo Psicanalítico” sob o título “A pulsão é pulsão de morte” (1991)
- 2- Já na introdução do seu Seminário “L’Angoisse”, Lacan, num estilo provocador e polêmico, sugere que em “Inibição, Sintoma e Angústia” fala-se de tudo menos de angústia.
- 3- Estamos nos referindo à Conferência XXXII das “Novas Conferências Introdutórias”, vol. XXII da ESB, intitulada “Angústia e Vida Pulsional”.
- 4- Em “Inibição, Sintoma e Angústia” Freud debate-se entre duas fontes de angústia. A primeira, cuja origem são as experiências traumáticas originárias, e que, assim como as neuroses atuais, têm sua fonte na excitação sexual somática e a segunda origina-se no temor da castração que é do ego e induz ao recalque e à formação de sintomas por conseguinte.
- 5- A submersão do ego na experiência de angústia foi tematizada por Lacan no Seminário X, por meio de uma diferenciação entre a identificação imaginária articulada no fantasma – que é uma identificação histérica ao outro enquanto suporte especular do desejo do sujeito – e um outro tipo de identificação imaginária, aquela que está na base do luto melancólico que é identificação ao objeto do desejo, ao resto, ao objeto *a*. Significa o identificar-se ao que o sujeito foi num certo momento enquanto excluído e que se reintegra sobre a cena do fantasma justamente na medida em que como objeto ele desaparece. Identificar-se ao objeto do seu desejo é propriamente falando uma posição masoquista.
- 6- FREUD, S. (1937) “Análise Terminável e Interminável”, ESB, vol. XXIII
- 7- De acordo com Freud são os objetos oral, anal e fálico. Lacan acrescenta o olhar e a voz como objetos parciais ligados à pulsão escópica e invocante.
- 8- É como são reencontradas essas identificações primordiais do sujeito, por exemplo, nos fantasmas de mutilação.
- 9- Visto que a castração do complexo refere-se à condição que o sujeito assume na referência ao *phallus* enquanto ele se supõe portador ou desejante de um representante deste.
- 10- Sobre a crítica lacaniana aos ideais da autonomia do eu, da maturidade genital e da autenticidade, ver Seminário Livro VII, “A Ética da Psicanálise”, Zahar, RJ., 1988.

- 11- Ressalvando, entretanto, que a transferência imaginária e simbólica são claramente nomeadas por meio dos termos impedimento/armadilha narcísica, assim como, embaraço/excesso de significantes no Seminário X, enquanto que a introdução aqui do amor real de transferência supõe a referência ao Seminário VIII.
  - 12- LACAN, J. Seminário XV: “O ato psicanalítico”, inédito.
-